

ANÁLISE DO DISCURSO

Prof. Eni P. Oriandi

Programa de Mestrado

Solange Maria Leda Gallo

UNICAMP

## COMO SE REPRESENTA O ALUNO NO DISCURSO PEDAGÓGICO ?

O texto que analisarei aqui já foi anteriormente trabalhado por mim em uma análise comparativa, texto oral - texto escrito. Estou reutilizando-o por ter ainda algumas questões a respeito de seus possíveis sentidos. Mais recentemente fiz uma análise semântica do mesmo texto, baseada na teoria Ducrotiana e faço este trabalho na tentativa de recuperar ainda alguns efeitos de sentido que a referida análise não me permitiu.

A segmentação do texto, conforme a cópia apresentada na página seguinte, simplesmente representa uma estratégia para análise. Uma segunda cópia do texto traz a segmentação que representa as pausas da voz do sujeito falante no momento da enunciação. Esta cópia encontra-se no final deste trabalho.

## TEXTO - TRANSCRIÇÃO DE UM COMENTÁRIO ORAL

Bom como 'ceis já viram nesse nesse últimos relatos um caso de um caso típico de drogas / bom bom as dro drogas <sup>EU</sup> acho que que é uma droga/ existe como nesse nesse caso existem muitos alicia-  
dores que ficam em portas de escolas aliciando crianças como / um  
menino de 13 anos / <sup>ELE</sup> que que foi aliciado por droga ainda ainda foi <sup>ELE</sup>  
foi modificou seus próprios hábitos como diz os pais e foi assaltar <sup>ELE</sup>  
uma casa no Jardim Chapadão modificando os hábitos prova como estava  
dizendo que as drogas realmente levam as pessoas p'ra ficar piores  
do que já são / e eu acho que no caso na maioria dos casos de drogas  
é mais falta de informações nos pais que não falam nada não comentam  
nada e as pesso os pequenos os menores não não sabem o o que fazê e  
aceitam e vão por esse caminho afora / porisso devemos tomar muito <sup>EU-TU</sup>  
cuidado c'um em porta de escola quando vai quando sai sozinho e tal <sup>(EU)-TU</sup> <sup>(EU)-TU</sup>  
<sup>(EU)-TU</sup> e vai quando vem p'ra cidade / <sup>EU</sup> acho que eu já disse tudo

CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO: - Sala de Aula (7ª série)

Alunos com idade média de 13 anos

O professor trouxe uma reportagem jornalística que foi lida e relatava um crime onde um garoto de 13anos foi assassinado por um garçon que alegou legítima defesa. Na ocasião o garoto estava assal-  
tando um casal quando o garçon intercedeu. Esse menino estava na companhia de um rapaz que cumpria prisão albergue e que costumava aliciar menores em portas de escola para prática de assaltos e con-  
sumo de drogas. O menino assassinado também havia sido abordado por esse rapaz na porta da escola onde estudava. A reportagem traz os depoimentos dos assaltados, do assassino, do aliciador, de um cole-  
ga de escola e dos pais que estavam querendo provar que o garoto não era assassino.

Os alunos reproduziram oralmente a reportagem. Em seguida o professor pediu que os alunos fizessem um comentário oral e pessoal sobre o que tinham acabado de ouvir.

Este trabalho é uma proposta de análise do comentário oral de um desses alunos.

## ANÁLISE

Na análise que aqui inicio pretendo utilizar conceitos da "Análise do Discurso" propostos por Eni Orlandi em seu livro "A linguagem e seu Funcionamento", e conceitos trazidos por Claudine Haroche em seu livro "Faire dire, vouloir dire", além de alguns conceitos propostos por Pêcheux em "Analyse Automatique du Discours" e por Ducrot em "Princípios de Semântica Linguística". ( ver bibl. )

Por ser este trabalho produto de um curso cujo texto básico foi a obra de Claudine Haroche, é evidente que dela foram retirados a maioria dos conceitos aqui utilizados.

Procedendo a análise temos a colocação inicial do texto: "Como 'ceis já viram nesse nesses últimos relatos um caso de um caso típico de drogas"... Aqui é importante perceber de onde e como se representa o locutor. O uso de "vocês" indica que ele não se representa como ouvinte dos últimos relatos. No entanto, ele também havia participado da atividade aqui atribuída aos ouvintes. Isto é um primeiro sinal de que o locutor está falando de um lugar alheio. Além disso, a expressão "caso típico de drogas" denota conhecimento de causa. É uma expressão normalmente usada por pessoas especializadas, autorizadas a estabelecer uma tipicidade para um determinado caso. Não fica dúvidas que o material da reportagem foi manipulado pelo locutor no momento em que se tornou um caso típico. O locutor se coloca então como mediador entre os relatos e a tipicidade estabelecida, uma vez que partilha de um conhecimento já dado. Um intérprete do saber que os relatos continham.

A expressão "já viram", reforça a interpretação dada pelo locutor trazendo para a argumentação a cumplicidade dos ouvintes. Dessa forma, o fato dos relatos feitos anteriormente tratarem de um caso típico de drogas, fica praticamente inquestionável.

Como essa enunciação é um produto da instituição Escola, considero-a uma instância do Discurso Pedagógico. Interessante é perceber aqui a posição tomada <sup>de</sup> pelo locutor em relação a ela, pois, embora se trate da enunciação de um aluno, não me parece ser desta posição que se representa o locutor e sim da posição de quem é mediador do saber - o professor, enquanto seus ouvintes estão se representando na posição de alunos.

Na próxima sequência aparece a seguinte colocação... "bom bom as drogas acho que é uma droga"... O uso do verbo de opinião (acho) me parece muito significativo ~~porque~~ enquanto, por um lado, representa uma autorização para um julgamento ( neste sentido quem diz que acha algo está no momento se autorizando a tomar uma posição diante do objeto), por outro lado, o verbo de opinião sempre possibilita a afirmação feita e sua negação ( neste sentido "eu acho" é o mesmo que eu não tenho certeza), ou seja, droga é uma droga - droga não é uma droga. Assim, a expressão "acho que" é polifônica, incorpora dois grupos de vozes; por um lado a voz da instituição, do professor, do saber sedimentado, do mesmo, enquanto significa julgar, taxar, declarar, por outro lado incorpora a voz do menino, dos ouvintes, do novo, do diferente, da dúvida, enquanto significa não ter certeza, palpitar. <sup>Permanece</sup> Aparece, portanto, nessa instância uma ambiguidade, o conflito entre duas diferentes formações discursivas; a da paráfrase e a da polissemia.

Na sequência seguinte ... "existe como nesse nesse caso existem muitos aliciadores que ficam em portas de escolas aliciando crianças como um menino de 13 anos"... Aqui novamente a tensão entre paráfrase e polissemia se representa no que é posto e no que é pressuposto; ou seja, a voz da instituição é a voz do posto, que constata, que não corre perigo, que está segura e que, no entanto, ameaça a outra, a voz do locutor, da criança, da-quele que corre perigo, a voz que , no entanto, através de um pressuposto, aponta para o fato de que alguns aliciadores não

ficam em portas de escolas, e assim faz menção a uma outra qualquer possibilidade de contato com a droga, ou mais precisamente com o aliciador (talvez onde não se corra tais perigos). A ambiguidade e a polifonia permanecem.

Na próxima sequência 11. "um menino de 13 anos que que foi aliciado por droga ainda ainda foi foi modificou seus próprios hábitos como diz os pais e foi assaltar uma casa no Jardim Chapadão modificando os hábitos prova como estava dizendo que as drogas realmente levam as pessoas p'ra ficar piores do que já são".. há fatos interessantes a ressaltar. Primeiramente percebe-se que o menino aliciado não teve vontade própria, e consequentemente sua responsabilidade sobre o que aconteceu terá sido mínima ou inexistente. As marcas estão nos verbos de voz passiva quando o sujeito é "o menino" - foi aliciado e foi foi modificou seus próprios hábitos - (na segunda passagem, embora a passiva não seja explícita, há um desejo implícito por ela na repetição de "foi foi"). Quando o sujeito é "as drogas" o verbo está na voz ativa - modificando os hábitos e levam as pessoas p'ra ficar (nestes casos o menino é agente passivo). Quando o sujeito é "menino" e o verbo está na voz ativa - foi assaltar - a apassivação é conseguida pelo sentido que deixa perceber que o menino só "foi assaltar" porque teve seus hábitos modificados, portanto, também aqui sem vontade própria.

Outro fato interessante é o uso de "ainda" que denota haver, para o locutor, a possibilidade de uma diferença de níveis entre ser aliciado e modificar os hábitos. Este uso me permite recuperar duas asserções de formações discursivas diversas; - uma, que corresponde à voz do professor, que prova que a droga é perniciosa, pois modifica os hábitos das pessoas e as torna piores do que já são. - a outra, que corresponde à voz do aluno, que afirma que a droga só é certamente perniciosa quando modifica os hábitos das pessoas, mas pode não fazê-lo. Só desta forma explica-se o uso de "ainda".

Observa-se também, no mesmo segmento, que a expressão "piores do que já são" pressupõe que as pessoas já são ruins e assim relativiza o efeito pernicioso da droga. Mais uma vez a presença da ambiguidade e da polifonia. É interessante perceber que na medida em que o locutor está retirando a vontade própria do menino aliciado, ele o está julgando inocente no caso do assalto, e está atribuindo apenas uma culpa relativa à droga, que nesse caso específico teve um efeito pernicioso. Mais interessante ainda é perceber que ele, o locutor, que se identifica com o menino aliciado por ser também estudante, ter 13 anos e, portanto, ser como ele, passível de aliciamento, também está se isentando de qualquer responsabilidade, inclusive da responsabilidade pela enunciação, já que ele se representa na voz do professor.

No próximo segmento..."e eu acho que no caso na maioria dos casos de drogas é mais falta de informações nos pais que não falam nada não comentam nada e as pessoas pequenos os menores não não sabem o que fazem e aceitam e vão por esse caminho afora"... há a sugestão de um outro possível responsável para o caso; os pais. De qualquer maneira esta asserção é relativizada por duas marcas; o uso da expressão "na maioria de", que pressupõe casos em que a culpa não seja dos pais, e o verbo de opinião (acho) que como já vimos anteriormente, denota incerteza. Porém, há a outra possibilidade de sentido do verbo, o sentido de julgamento de algo (no caso, os pais, que aparecem como possíveis culpados). Novamente duas formações discursivas em conflito.

✓ Também aqui os pequenos, os menores são sujeitos passivos "não sabem o que fazem e aceitam", portanto, mais uma vez, isentos. Esse sujeito pode ser qualquer um, já que não tem vontade própria e não tem identidade. É um sujeito com vontade limitada. Um sujeito intercambiável porém, isento de culpa. É a ambiguidade reforçada pelas duas formações discursivas; enquanto a voz do professor retira do menino aliciado sua vontade própria e sua identidade e faz deste ato uma ameaça, a voz do aluno o isenta de culpa e o liberta.

Nessas duas últimas sequências analisadas, principalmente nas expressões "piores do que já são" e "não comentam nada e as pesso os pequenos os menores" ... "por esse caminho afora", a primeira pressupondo que as pessoas são ruins e a segunda subentendendo que por não terem os pais falado, comentado algo, os pequenos vão por um caminho errado, estão ambas fazendo menção a um estado ideal de coisas. Para poder dizer que as pessoas são ruins e que determinado caminho é errado, é preciso acreditar em um ser perfeito e em um caminho certo. Esses elementos apontam para o discurso religioso, único lugar onde há estados canônicos, ideais, inquestionáveis e na medida em que não geram ambiguidade, são absolutos. Elementos não negociáveis no discurso.

No momento seguinte da enunciação ... "porisso devemos tomar muito cuidado c'um em porta de escola quando vai quando sai sozinho e tal e vai quando vem p'ra cidade"... o locutor passa a se representar de outro lugar, ou seja, não mais da posição de professor onde estava. Agora o locutor passa a se representar do lugar de aluno, criança, passível de ser aliada, e traz os ouvintes p'ra serem representados do mesmo lugar. (a marca discursiva está em devemos). Aqui há um fato a ressaltar; ter o locutor deixado de se representar do lugar do professor, do saber, da instituição, apenas no momento de se submeter e trazer o ouvinte a submeter-se também a esse discurso.

Me parece haver ainda entre a sequência anterior e essa, uma elipse (marcada na expressão "porisso"). O demonstrativo aponta para a voz do professor que se representou até então, e neste caso "isso" significa erro, o perigo da vontade limitada e da identidade perdida. Mas o demonstrativo aponta também para a voz do sujeito da enunciação, e neste caso "isso" significa a ambiguidade, a dúvida, a incompletude. Este último é o efeito de sentido preservado pela elipse, que tem a função de ocultar o sujeito e garantir a ele um espaço dentro da enunciação.



A parte final dessa sequência..."devemos tomar muito cuidado c'um em porta de escola quando vai quando sai sozinho e tal e vai quando vem p'ra cidade"...., embora seja a representação da voz do próprio locutor que através da subjetividade abarca também o ouvinte, ainda assim é, como já vimos, uma voz submissa ao discurso pedagógico, institucional. Porém, percebe-se que, embora os seguimentos anteriores tenham feito referência a um único lugar onde o aliciamento se dá, o locutor está apontando aqui outros possíveis lugares e situações onde ele pode acontecer, o que me parece novamente constituir uma menção a outra situação de contato com a droga, que não aquela aqui comentada. Este fato remete à ambiguidade e à polifonia, que percorrem todo o texto.

O último segmento..."acho que eu já disse tudo"...é um procedimento de incisa, uma interrupção da linearidade do discurso. Esse segmento traz uma consideração acessória e não contém as propriedades encontradas nos anteriores. O locutor não se representa na voz do professor, nem na voz do aluno totalmente assujeitado. Aqui ele se representa de um lugar mais próximo dele mesmo, ou seja, na voz de alguém que por estar em uma escola está sujeito a determinadas regras, mas que antes de tudo é um sujeito que pode julgar sua própria enunciação - um sujeito jurídico. Vejamos; o verbo de opinião (acho) como sabemos, representa a autorização de um julgamento ao mesmo tempo que representa uma incerteza. ( eu já disse tudo - eu ainda não disse tudo ).<sup>X</sup> Aqui, como nos outros casos de incidência de "acho que", há uma ambiguidade, porém há também uma mudança de representações. Enquanto nos outros casos a ambiguidade correspondia a ocorrência das duas formações discursivas; a representada pela voz do professor e aquela representada pela voz do aluno, aqui a ambiguidade corresponde também a duas formações discursivas onde uma continua sendo representada pela voz do aluno, a voz da incerteza, da dúvida, porém a outra se representa na voz da criança, no caso o sujeito mais próximo

dele mesmo. Esse sujeito considera-se autorizado a julgar sua própria enunciação e a julga completa, ao mesmo tempo que ele, enquanto aluno, não tem certeza dessa completude. (A idéia de completude é marcada linguisticamente pela palavra "tudo")

Essas considerações estabelecem um paradoxo; ao assujeitar o seu discurso a outros discursos, (ao discurso religioso, ao discurso jornalístico, mas sobretudo ao discurso pedagógico), o sujeito tem sua vontade própria limitada, seu discurso é am bíguo, incompleto, mas sua responsabilidade é parcial e seu assujeitamento é relativo. No entanto, quando não há o assujeitamento do seu discurso a um outro discurso (eu julgo que eu disse tudo), sua vontade própria não tem limites, seu discurso é determinador, completo, mas sua responsabilidade é plena e seu assujeitamento não tem falhas.

Foi através da elipse e da incisa que pude recuperar essas duas representações do sujeito na enunciação. Ou seja, a elipse me permitiu recuperar que quanto mais o sujeito assujeitou seu discurso, mais perdeu sua identidade e mais livre juridicamente se tornou. A incisa me permitiu ver que, em contra partida, quanto menos ele assujeitou seu discurso, menos perdeu sua identidade e mais submetido juridicamente se tornou.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

É interessante perceber ainda que, embora o texto aqui analisado seja uma instância do discurso pedagógico, quem o realiza é um aluno. e só é possível explicar a existência deste discurso pela subjetividade da linguagem que demonstra que o "eu" e o "tu" não se concebem um sem o outro. O que ocorre aqui é uma realização da subjetividade levada as últimas consequências. Representado em termos de imagens esse texto é a realização da I<sub>A</sub> (locutor) ( I<sub>B</sub> (prof.) I<sub>A</sub> (aluno deve fazer) R (referente). Então ele acontece não só na tentativa de reproduzir a I (imagem) que A (locutor) tem do R (referente), mas principalmente representando-se, o locutor, da posição em que esta

ria o professor em relação ao referente, na intenção de mostrar ao aluno a imagem que ele deveria ter desse referente. Desta posição ele atua com um discurso essencialmente autoritário, onde a polissemia é contida e só aparece implícita e a reversibilidade é praticamente nula. Como é característica do discurso autoritário, a intenção do dominador não é calar o dominado, mas colocar na sua boca as palavras "adequadas". Fica claro no decorrer da análise, que neste caso é exatamente assim que se dá a dominação. Porém, como não há "crime perfeito", as pistas, ou marcas linguísticas, acabam por revelar as múltiplas máscaras do sujeito.

Evidentemente a estratégia do locutor é eficaz e o funcionamento do seu discurso é perfeito, uma vez que, ao mesmo tempo que é submetido e desta forma cumpre seu papel ideologicamente marcado pela Escola, por outro lado emerge de le uma individualização rica de uma ideologia própria.

---

#### BIBLIOGRAFIA

- BENVENISTE, E. - Problemas de Linguística Geral, Cia Ed. Nacional, Edusp, São Paulo, 1976.
- CHAUÍ, M. - "Ideologia e Educação" em Educação e Sociedade, CEDES, Cortez Ed., Autores Associados, Ano II, nº5, 1980.
- HAROCHE, Claudine - Faire dire, vouloir dire, Press Universitaires de Lille, France, 1983.
- ORLANDI, Eni P. - A Linguagem e seu Funcionamento, Ed. Brasiliense, São Paulo, 1980.
- PÊCHEUX, M. - Analyse Automatique du Discours, Dnod, Paris, 1969.
- VOGT, Carlos - Linguagem Pragmática e Ideologia, Hicitec, São Paulo, 1980.

Bom/ como 'ceis já viram nesse/ nesses últimos relatos um caso/ de um caso típico de drogas/ bom/ bom/ as dro ~~dro~~gas acho que/ que é uma droga/ existe como/ nesse nesse caso/ existem muitos aliciadores que ficam em portas de escolas aliciando crianças como um menino de 13 anos/ que que foi aliciado por droga ainda ainda foi/ foi modificou seus próprios hábitos como diz os pais/ e foi/ assaltar uma casa no Jardim Chapadão/ modificando os hábitos prova como estava dizendo que as drogas realmente levam as pessoas p'ra ficar/ piores/ do que já são/ e eu acho que no caso/ na maioria dos casos de drogas é/ mais falta de informações nos pais/ que não falam nada não comentam nada/ e as pessoas os pequenos os menores não não sabem o o que fazem e aceitam e vão por esse caminho afora/ por isso devemos tomar muito cuidado com/ em porta de escola quando vai/ quando sai sozinho e tal e/ vai quando vem p'ra cidade/ acho que eu já disse tudo/

### OBSERVAÇÃO

Esta cópia da transcrição do comentário oral está segmentada segundo as pausas longas observadas na voz do falante ( / ). Os três sinais complementares significam:    tom ascendente (pausa não conclusiva de enunciado),    (pausa conclusiva de enunciado),    (simples hesitação).